

ADRIENNE RICH: A VERDADE DA MULHER NA POESIA

ADRIENNE RICH: THE WOMAN'S TRUTH IN POETRY

Mariana Souza e Silva¹
 Mestre em Letras
 Universidade de São Paulo
 (marianasouzaes@usp.br)

RESUMO: Adrienne Rich foi uma das mais proeminentes poetisas da cena norte-americana. Seu trabalho se destaca pela profundidade com a qual toca em assuntos pertinentes ao universo feminino e às suas questões e papéis na sociedade. Além disso, foi também defensora da mulher como escritora, contribuindo efetivamente com os estudos e renovação da Crítica Feminista. Este artigo mostra como o engajamento feminista permeou sua obra, exemplificando com a análise do poema *Song*, de sua obra *Diving Into the Wreck*.

Palavras-chave: Adrienne Rich; Crítica Feminista; Poesia norte-americana

ABSTRACT: Adrienne Rich was one of the most prominent poets of the American scene. Her work stands out due to the depth with which it deals with matters concerning the woman universe, its issues and roles in society. Moreover, she was also an advocate for women as writers, contributing effectively with the studies and renewal of the Feminist Criticism. This paper shows how the feminist commitment marked her work, exemplifying it with the analysis of the poem *Song*, from her book *Diving Into the Wreck*.

Keywords: Adrienne Rich, Feminist Criticism, American poetry

Adrienne Rich (1929-20120) não dedicou sua vida exclusivamente à poesia. Esta autora americana também produziu alguns dos mais marcantes ensaios a respeito do papel da mulher na literatura, contribuindo ativamente para o desenvolvimento e constante renovação de ideologias que acompanharam o surgimento de uma nova crítica literária feminista. Por isso a ambiguidade no título deste artigo: Rich buscou através da escrita, fosse esta poética ou crítica, a verdade das mulheres que conseguiram se expressar textualmente, livrando-se das amarras patriarcais, assim como a verdade sobre as mulheres e suas lutas cotidianas presentes na escrita literária. Seu ativismo extravasou os limites do papel e chegou ao social, ao político, e por este motivo Rich é considerada um dos nomes mais importantes e influentes do movimento feminista nos Estados Unidos. Entre suas obras mais importantes, pode-se destacar *A Change of World* (1951), *The Diamond Cutters, and Other Poems* (1955), *Snapshots of a Daughter-in-law* (1962), *Necessities of Life* (1965), *Leaflets* (1969), *Diving Into the Wreck* (1973), e muitas outras, além do ensaio “Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution” (1976).

¹ Bolsista CAPES - Doutorado

Compreender a relevância da obra de Rich, e também seu estilo poético, é compreender a opressão à mulher e as formas como esta irrompe o domínio masculino, utilizando a linguagem como arma de expressão e transmissão de experiências. Por isso, é importante que se volte às origens das lutas das mulheres na História, entender contra quem e o que se lutar, refazendo sua longa caminhada em busca da liberdade e direito à voz, como Rich defendeu e continua defendendo, e também reconhecer outras mulheres que auxiliaram nos estudos da mulher na Literatura.

Em sua História, a humanidade tem sido marcada por ideologias patriarcais, que seria o predomínio da logicidade imposta pelo homem branco ocidental, dominante na sociedade em seus diversos campos. Neste espaço, o movimento feminista surgiu para denunciar a realidade das mulheres, que foram relegadas a uma posição inferior, com o passar do tempo, e também lutar, a princípio, por igualdade entre os sexos. A ideologia feminista passou, então, a alcançar os mais variados espaços e campos de conhecimento humano, dentre eles a arte. Assim, surgiu um novo interesse pela mulher na Literatura, seja no papel de leitora ou de escritora, dando início a uma nova forma de crítica que a considerasse. Começam a surgir estudiosos interessados em compreender a relação entre a opressão feminina e a criação artística. Uma das primeiras foi Virginia Woolf, que publicou uma série de ensaios tratando da condição da mulher na sociedade. O mais importante deles, publicado em 1929, foi *A Room of One's Own*, o qual exerceu grande influência sobre o pensamento feminista, e posteriormente, no surgimento da crítica feminista. Neste texto, Woolf reflete acerca da mulher escritora, a forma como leva esta atividade, e também as forças que agem sobre seu trabalho. Woolf sugere que as mulheres passem a escrever com cuidado, objetivando a escrita artística, não apenas uma forma de extravasar seus sentimentos mais íntimos de dor; vê, à época deste ensaio, uma certa evolução das autoras, como se começassem a perceber que o valor estético deve estar além de uma confissão feminina. Termina por defender a tese de que deve haver uma união dos lados masculino e feminino de cada indivíduo que deseja escrever, ou seja, não acredita que a escrita deva ter um sexo definido, e sim, ser andrógina. É necessário ser femininamente masculino e masculinamente feminina, para que não se criem obstáculos de interpretação e

inferiorização das obras. Esta idéia foi defendida por Rich posteriormente, em uma das fases de sua escrita.

Em **O Segundo Sexo**, publicado ao final da década de 40, Simone de Beauvoir sugere como a construção da identidade sexual feminina, ou da mulher, é dependente mais do social que do biológico. Uma criança que nasce com o sexo feminino será educada de forma a se condicionar nos padrões e comportamentos de mulher, respondendo ou não às expectativas da sociedade em relação ao gênero feminino. Isto quer dizer que ser mulher, ou homem, nada mais é que levar adiante uma educação e formação social, religiosa, étnica, etc, que correspondam àquilo que é esperado de cada identidade sexual, denunciando as raízes da desigualdade. Rich se manifestava de forma a não considerar esta teoria, afirmando que respondia às pulsões e instintos femininos inatos ao se expressar artisticamente. Porém, a obra de Beauvoir forneceu uma importante base para as reflexões feministas que ressurgiram a partir da década de 60, um período de grande importância para a arte em suas diversas formas de manifestação, havendo um maior desenvolvimento do movimento de mulheres. Os ideais de igualdade, muitas vezes considerados simplistas e utópicos, dão lugar a um maior interesse das ciências sociais e humanas nos estudos do feminino. Essa nova onda de pensamento culminou, na década de 70, em uma nova forma de pensar o papel da mulher na sociedade patriarcal em que se insere. Ao invés de almejar a igualdade, passa-se a contestar a posição de inferioridade feminina, mas de forma a aceitar e enaltecer a diferença existente entre os sexos, e tal fato constitui vantagem às mulheres. Assim, origina-se a crítica literária feminista, que tem como seu ponto inicial a publicação da obra *Sexual Politics*, de Kate Millet, em 1970.

Na obra de Millet, a autora atenta para o fato de que a mulher difere do homem no que se refere às experiências de leitora e escritora de textos literários, o que “implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas” (BONNICI; ZOLIN, 2005, p. 181). Sua análise aborda os aspectos ideológicos, biológicos, sociológicos, econômicos, antropológicos e psicológicos que permeiam as relações entre os sexos, reafirmando a dominação do sistema patriarcal em todas as culturas, atingindo as religiões, leis e costumes de todas as sociedades humanas. A visão Marxista que Millet aborda em sua obra é compartilhada com Rich; porém, ambas

não viam como positivo o fato de as ideologias e práticas políticas de esquerda, que se propunham defender as minorias, acabarem esquecendo o papel da mulher, não a incluindo em suas ações. Estes princípios acabaram por permear uma primeira fase da crítica feminista, que procurava apontar para estereótipos na construção de personagens femininas, que em sua maioria correspondiam à dicotomia anjo/monstro, e também rever a importância e posicionamento de escritoras nos cânones universais e nacionais, assim como na historiografia literária de cada país (até então, a literatura produzida por mulheres era marginalizada e considerada subcultura). Rich defendeu essa ideia em seu ensaio “When we dead awaken: writing as re-vision”, no qual sugere a revisão e releitura do cânone literário, desta vez sob a ótica feminina, para que não se cristalice apenas a ideologia patriarcal na escolha e crítica de obras consideradas de qualidade, em sua maioria de autoria masculina. Também propõe a construção de uma tradição feminina que quebrassem as barreiras entre masculino e feminino.

Uma segunda fase da crítica feminista, segundo Elaine Showalter em sua obra *A Literature of Their Own* (1977), seria marcada pelo estudo das autoras, e das formas como o feminino e o feminismo influenciam essa escrita: surge a ginocrítica, termo primeiramente utilizado por Showalter. Os tópicos abordados são:

[...] a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos das mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres. (HOLLANDA, 1994, p. 29)

Trata-se de uma crítica de mulheres realizada por mulheres, para que as ideologias sexistas e patriarcais fossem deixadas de lado no momento de análise e interpretação do texto feminino. Em seu estudo, Showalter vislumbra uma nova alternativa aos períodos literários, levando em conta a trajetória da mulher neste campo da arte. Esta é formada por três estágios: *feminine*, *feminist* and *female*, podendo ser associados a cada fase distinta a qual a mulher escritora esteve sujeita, através dos tempos. Numa primeira fase, *feminine*, houve uma busca dos modelos literários consagrados, ou seja, buscava-se uma imitação e internalização da escrita masculina sem que houvesse ruptura e inovação desses padrões, mesmo que o conteúdo tratasse de questões relativas à mulher e sua vivência social. A segunda fase, *feminist*, como o próprio nome prediz, diz respeito à vontade de protestar

contra a situação de submissão e inferioridade feminina, tendo um tom muitas vezes panfletário e revolucionário de escrita. E por fim, a fase *female*, marcada pela autodescoberta e valorização do modelo feminino, exaltação da diferença, celebração da feminilidade e busca de uma identidade. Ainda na obra *A Literature of Their Own*, Showalter aponta para as diferentes formas de interpretação da escrita feminina, sendo elas a biológica, a linguística, a psicanalítica e a cultural. Esta fase foi de grande importância para os estudos da literatura produzida por mulheres, principalmente por representar um enorme esforço em se descobrir, e muitas vezes redescobrir, novas obras e autoras até então esquecidas pelo cânone (predominantemente masculino). Assim, teve origem uma terceira fase da crítica feminista, que teve como foco principal as questões do gênero e suas diferentes visões, e também a forma como a recepção e produção artística literária se deixam influenciar por este.

O feminismo defendido por Rich é politicamente motivado, objetivando sempre o bem-estar e fim de injustiças sociais contra as mulheres. Para que aconteça a justiça e renovação das ideologias patriarcais, numa modificação social profunda, é necessário que se considerem os aspectos mais relevantes à vida da mulher, ou assim considerados, a saber: casamento, maternidade, família, criação, educação, e acima de tudo amor. Também é essencial a compreensão das relações entre masculino e feminino, e também a relação do feminino com ele mesmo, numa relação de espelhamento de expectativas e experiência que produz a energia criativa da mulher, fecunda e abundante. Assim o fez Rich, levando ao nível literário suas opiniões e sentimentos.

Em sua escrita Rich passou por distintas fases, sempre de acordo com suas descobertas e novas percepções a respeito da literatura feminina, produto do social e do psicológico da mulher calada por anos de domínio do patriarcado. Sua primeira obra surgiu protegida por uma pretensa máscara de aceitação, passividade e docilidade que agradou à crítica e a colocou ao lado de outras grandes escritoras consagradas. Porém, essa calma em sua escrita escondia uma voz indócil, desejosa de mudança e igualdade, cheia de revolta pelas mulheres injustiçadas e esmagadas, principalmente aquelas que, como ela, desejavam levar ao papel suas dores e vidas. Como afirma Erkilli (1992, p. 156), “Rich’s poems, at this stage, are discursive, social, and stylistically balanced.” Sua escrita revelava um desejo de

universalismo, seguindo os passos de seus precursores Frost, Eliot, entre outros modernistas, deixando sua experiência velada, como imperceptível som ao fundo que enche o ambiente sem que seja sentido. Na verdade, a mulher Adrienne Rich, naquele momento, não deixou que seu feminino aflorasse na escrita da autora Adrienne Rich, através de seus versos formais modernistas que buscavam a impessoalidade do artista. Tudo isto era resultado do conflito que a autora vivia em sua vida doméstica ao se ver como mãe, tendo que esconder o ímpeto artístico que surgia representando-o em personificações masculinas. Em outro momento, ela foca sua escrita nas mulheres e seus convívios em um mundo dominado pelo masculino, assim procurando descobrir os motivos que relegaram as mulheres a este papel secundário no cenário histórico, desta vez utilizando suas próprias experiências como fonte de inspiração e força poética. É neste contexto que seu estilo mais se aproxima do estilo de Emily Dickinson, a quem dedicava grande admiração e muito estudo.

For Rich, as for Dickinson, the fracture of image and syntax becomes not only a poetic strategy but an emblem of her subject position as woman in a world split by the polarities of masculine and feminine, mind and body, self and other, transcendence and immanence. (ERKKILA, 1992, p. 159)

Neste espírito, Rich espera o surgimento da nova mulher, uma que seja diferente dos estereótipos antigos e presentes à sua época, mais aberta e passível de mudanças e mobilidade em relação aos padrões patriarcais opressores, para isso sendo necessária a libertação das construções femininas ligadas ao maternal, incitando a destruição no lugar de, apenas, energia criativa poética neste intento.

Em um outro momento, Rich se torna mais reflexiva, pensando na situação da mulher e sua força de sobrevivência no mundo onde se insere. Para isto, volta-se a suas próprias experiências de vida, em busca de uma nova forma de ver o futuro dos movimentos que primam a libertação da mulher em todos os sentidos, artisticamente e socialmente. Este processo faz parte de um pensamento ainda maior, que objetiva reconstruir a identidade das autoras caladas, dando-lhes força a suas vozes sem que sejam necessárias revolta e destruição, como no primeiro momento de sua escrita. Ainda almeja que todo o poder criativo feminino seja concentrado para que alcance transformação, como ela mesma pretendia realizar em sua vida pessoal. Em outra fase, a autora encontrou em sua força interior e de

outras mulheres a fonte da expressão poética necessária para gerar mudanças, falando em primeira pessoa e colocando em si mesma a solução das situações mais desafiadoras ao feminino.

Um novo momento reflexivo e artístico que sucedeu a este foi o que trouxe a Rich o desejo de acabar com dualismos estigmatizados, como masculino/feminino, mente/corpo, ao mesmo tempo em que procurou o equilíbrio, ou a existência sadia de dois pólos em um mesmo ser andrógino, como aquele proposto por Woolf. Todas estas fases distintas tiveram como fator comum o desejo de melhor compreender a mente feminina, sua própria mente, seu poder criativo como mulher, e de que forma o fato de ser mulher modifica sua escrita, que acaba por modificar as ideias e mentes de leitores, e principalmente leitoras.

Percorrido todo este caminho, Adrienne Rich chega finalmente à posição de defensora de uma crítica feminista lésbica. Segundo Rich, é a essência lésbica que existe em cada mulher escritora que gera o poder criativo, a qual foi recebida com grande polêmica. Porém, não significa este lesbianismo que as mulheres sejam praticantes do amor erótico pelo mesmo sexo, e sim que os laços criados nas mais diferentes relações entre mulheres, seja de mãe com filhas, amizade, e também amor, são os que propiciam melhor entendimento do ser feminino e, por consequência, uma poética mais real e condizente com uma nova mulher que deseja mudanças em seu posicionamento social e artístico. Em Rich “lesbian love is mythologized and, in effect, universalized as a return to a primal bond between mothers and daughters and a primal identity shared by all women” (ERKKILA, 1992, p. 174). A experiência entre mulheres, seja de qual natureza for, será a fonte de uma nova atitude na literatura, em oposição ao masculino violento e destruidor que oprimira as vozes femininas que tentaram se abrir ao mundo.

Rich era uma autora em busca de uma tradição com a qual pudesse identificar sua escrita e ideias a respeito do papel da mulher escritora e leitora. O modelo mais aceito pelo *establishment* literário era, então, a poesia de Bishop, a qual não agradava Rich por seu hermetismo e obliquidade. Na realidade, a poeta com a qual Rich mais se identificou, à qual dirigiu alguns de seus poemas e estudo minucioso, foi mesmo Emily Dickinson. Rich costumava escrever poemas utilizando suas técnicas, como sua métrica e as lacunas em seus versos. Além disso, esta relação e diálogo entre as autoras foi o que permeou as diferentes visões que Rich

teve a respeito da mulher, do ato criativo feminino, do movimento feminista e da crítica literária feminista, a qual acompanhou e contribuiu para o desenvolvimento.

A incessante leitura que Rich teve da obra de Dickinson, e suas diferentes interpretações em cada uma, leva à conclusão de que fatores social e político são fundamentais no momento da escrita e, por consequência, na história da poética feminina, especialmente para Rich, cujas opiniões e textos foram importantes para o surgimento e renovação dos ideais da crítica feminista que surgia nos Estados Unidos entre as décadas de 50 e 60. Ela acreditava que através da leitura é que se pode conhecer a forma como vivemos, assim como a prisão e liberdade causadas pela linguagem (domínio do patriarcado), e por isso Dickinson lhe serviu como um espelho para e de onde refletiam suas mais diversas concepções sobre a mulher. Em seu caminho crítico, Rich passou a adotar, como afirma Wendy Martin (ERKKILA, 1992, p. 154), a posição de representante de uma estética-ética de amor, criação, mutualidade e comunidade, características típicas da mulher, ou assim consideradas, sendo assim aceita pela crítica como ingênua e monolítica.

A relação entre Rich e Dickinson passou por três momentos, e estes foram essenciais no desenvolvimento da escrita feminista de Rich, contribuindo para a compreensão do feminino que ela buscava. No primeiro, Rich identifica o problema do aprisionamento de Dickinson, em um estágio de pena e lamentação pela situação em que o espírito criativo da autora fora detido por forças sociais e psicológicas; compreende sua escrita como resultado do paradoxo que Dickinson representava, sendo vítima e mártir da mulher desejosa de escrever sua vida. Depois desta fase, assim como na escrita de Rich que passava a colocar mulheres fortes e desejosas de falar em sua poesia, sua visão de Dickinson passa a outro nível: de vítima a sobrevivente do sistema de isolamento sob o qual permaneceu e de onde aflorou seu poder criativo. Dickinson passa a ser, definitivamente, um modelo para Rich, que via em sua opção pela arte a inspiração para todas as mulheres sob o julgo do patriarcado, demonstrando que a linguagem e expressão artística é que podem libertar e animar para a luta. Esta nova visão coincide com sua concepção de poesia: antes, acreditava ser sua escrita um monte de ideias e sentimentos agrupados de forma a ser um único significativo e expressivo; agora vê sua escrita como maneira criativa de reconstrução e renomeação de um ambiente mais favorável ao feminino, à mulher, com intenção de provocar uma reação que leve, por

sua vez, a atos de libertação, individual ou universal. Faz parte de sua nova concepção a adoção de um estilo cada vez mais parecido ao de Dickinson, utilizando travessões e espaços em branco, assim como a quebra da sintaxe, as frases curtas sem verbos, demonstrando um estado psicológico mais reflexivo, utilizando a linguagem como instrumento de mudança. Finalmente, na terceira fase da relação com Dickinson, Rich torna-se ciente de suas tentativas de intrusão no espírito de sua precursora, assim como fazem tantos outros estudiosos, violando sua individualidade como artista. Rich consegue vê-la, por fim, como o outro, aceitando que sua influência seja direta sem que seja necessário compreender sua vida e escolha: basta apenas que se saiba reconhecer sua força e energia, deixadas a todas as autoras que viessem depois; Rich acaba por libertar Dickinson, despedindo-se de sua filha/irmã/mãe poética.

Toda a força poética que Rich descobriu vir de sua essência feminina encontra-se em sua poesia engajada, e ao mesmo tempo sensível às mulheres e suas penas, como artistas ou simplesmente desempenhando seus papéis de mãe, filha, esposa, amiga. Em sua escrita são latentes a compaixão e solidariedade ao feminino, características inerentes àquelas responsáveis pela geração e criação do mundo. Em um de seus poemas, *Song* (RICH, 2013, p. 26, em anexo, presente na obra *Diving Into the Wreck*, Rich nos coloca a situação da mulher sob uma ótica diferente: a da solidão.

O poema começa com uma construção “You’re wondering if [...]”, indicando que o sujeito lírico possui um interlocutor a quem dirige suas palavras; porém, neste primeiro momento, não é possível estabelecer um ‘diálogo’, pois o uso do verbo *wonder* indica suposição, desconfiança, como se o interlocutor hesitasse em questionar a respeito da situação do sujeito lírico. A resposta vem em tom de incômodo, subentendendo uma não aceitação da realidade: “OK then, yes, I’m lonely [...]”. Explicando seu estado de solidão, o sujeito lírico utiliza a metáfora de um avião, e também cita *radio beam*, ambas palavras podendo ser colocada em um campo semântico de tecnologia, de máquinas – objetos criados pelo homem, não duráveis, finitos, esporádicos, não constantes – demonstrando o desejo de que sua solidão seja passageira. De acordo com sua metáfora, o avião almeja (*aiming*) chegar ao oceano, em um desejo de estar em contato com a natureza, como o eterno, o

constante, com aquilo que seja mais ligado ao humano – em fundo, almeja uma mudança do estado em que se encontra.

A segunda estrofe se inicia com mais uma contestação do interlocutor, desta vez mais direta e clara, ainda que seja demonstrada apenas pela voz do sujeito lírico: “You want to ask, am I lonely?”. Este questionamento se dá em tom de intrusão, já não é mais uma mera suposição, e sim o desejo pela verdade. Desta vez, o sujeito lírico responde em tom calmo, demonstrando aceitação e compreensão da situação: “Well, of course, lonely”. Este tom de aceitação se confirma no uso da palavra *woman*, revelando finalmente ao leitor que se trata de uma mulher relatando sua experiência com a solidão. A metáfora que utiliza na representação de seu sentimento também coloca em questão a liberdade feminina, resultado de uma suposta escolha que tem como consequência a solidão em que se encontra o sujeito lírico (uma mulher dirigindo só pelo país), criando um paradoxo ao relacionar os dois sentimentos em um mesmo estado de espírito: liberdade/felicidade e solidão/tristeza. Outro aspecto interessante é fato de a mulher, dirigindo livre, deixar para trás as cidades onde poderia ter parado, vivido e morrido, ou seja, encontra-se só e procura manter a solidão, evitando contato com outras pessoas, evitando o certo e seguro. Porém, toda esta imagem não confirma, quando o sujeito lírico utiliza a construção “she *might have stopped* [...]” (grifo nosso), revelando tratar-se de uma hipótese.

O tom hipotético continua na terceira estrofe com o verbo *must* na construção “If I’m lonely/it must be [...]”, demonstrando pouca certeza a respeito dos motivos que desencadeiam seu estado. Aqui, o sujeito poético nos revela o zelo pela família, da mulher que é a primeira a levantar no começo da manhã, sozinha. A família também pode ser vista, mais amplamente, como a sociedade, sendo a mulher aquela que primeiro se levanta em estado de consciência, quando todo o resto dorme em inconsciência e olhos fechados aos problemas e injustiças, nesta oposição *awake – sleep*. Além disso, ao colocar a mulher geradora de vida como a primeira a se levantar, o sujeito lírico remete a uma inversão do mito bíblico do surgimento do homem, recriando-o em uma versão mais pertinente ao feminismo.

Na quarta e última estrofe o sujeito poético finalmente demonstra alguma certeza a respeito de seu estado, ao utilizar *with* na construção “If I’m lonely/it’s with [...]”, e também o verbo *know* nos versos seguintes. Aqui se tem uma imagem de

dificuldade, quando o sujeito poético se coloca remando um barco cercado por gelo no último dia do ano. Apesar desta situação fatigante, existe a certeza da resistência, a força para superar este obstáculo, quando diz que é feito de madeira: “but wood, with a gift for burning”. Aqui se sente um tom de positividade, de força de vontade para vencer a solidão, especialmente ao utilizar a palavra *gift*: um dom, algo bom. E este dom de queimar pode ser visto como o provedor de energia para seguir em frente ou, por outro lado, ainda consciente e positivo, o dom de sacrificar sua vida, em solidão, para o bem dos outros, para que os outros possam sobreviver.

A mulher aqui é aquela que se coloca em segundo plano para benefício daqueles que ama, seja acordando antes de toda a família, seja se consumindo e queimando até a morte para oferecer melhores dias. Em toda e qualquer situação é a solidão que a acompanha, solidão feminina que de quem cuida, ou de quem escolhe a liberdade: em qualquer que seja o destino, estará só. Em todo o poema temos uma constante mudança entre movimento na primeira e na quarta estrofe (*plane, ocean, rowboat, shore*), e estaticidade na segunda e terceira (*stopped, sleep*), demonstrando inquietação, estado de instabilidade emocional, dúvida. Também a oposição *first – last* na terceira e na quarta estrofe coloca a mulher como aquela levantando primeiro e resistindo até o último momento em que queima, devido à sua força e vontade de vencer.

O que este poema mostra é que a mulher pode se colocar em dúvida, questionar o que lhe é imposto, pois o interlocutor a quem dirige suas explicações pode ser ela mesma, em um trabalho de reflexão acerca sobre sua vida e experiências. A solidão é presente e constante, a acompanha onde quer que vá, como uma lacuna, a ausência de algo que não se sabe, ligando-se a uma clássica visão psicanalítica da mulher como o ser da falta, do lapso, seja fisicamente, seja psicologicamente ou linguisticamente. Apesar de tudo isto, continua em busca de sua felicidade, sua verdade, aquela que traria a ela completude: pode estar na família, pode estar na escolha pela liberdade, mas mesmo que não encontre uma resposta, ainda assim continuará se sacrificando, queimando como madeira que dá energia à vida e força para continuar, para isso acabando com sua própria existência, só

Como é possível notar neste poema, Adrienne Rich soube utilizar sua experiência de vida como mulher, mãe, filha, amiga, feminista, lésbica,

transformando todas estas características em um todo expressivo, como autora. A solidão que parece tão sufocante ao sujeito lírico acaba por demonstrar calma e aceitação, ao final do texto, em um momento íntimo em que assume que sua vocação será, eternamente, a solidão, ao queimar-se por dentro em busca da realização. Rich levou ao papel aquilo que a queimava, sua inquietação, e por dividir com o mundo sua verdade feminina é considerada, justamente, uma das mais influentes e importantes poetisas da história literária.

Referências

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELSEY, C.; MOORE, J. (ed.). **The feminist reader: essays in gender and the politics of literary criticism**. Houndmills: Macmillan, 1989. p. 117-132.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005.
- BRANCO, L. C. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- CAMARGO, M. A. **Basic guide to American literature**. São Paulo: Pioneira Editora, 1986.
- COSMAN, C.; KEEFE, J.; WEAVER, K. (ed.) **The Penguin book of women poets**. London: Penguin Books, 1978.
- DAVIS, C.; WEST, K. (ed.) **Women writers in the United States: a timeline of literary, cultural and social history**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- EAGLETON, M. (Ed.). **Feminist literary theory: a reader**. Cambridge: Blackwell, 1986.
- ERKILLA, B. **The wicked sisters: women poets, literary history and discord**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- HALL, D. (ed.) **Contemporary American poetry**. London: Penguin Books, 1962.
- HOLLANDA, H. B. de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KEYS, K. S. (ed.). **Nova poesia norte-americana Quingumbo**. São Paulo: Editora Escrita, 1980.

McCLATCHY, J. D. (ed.). **The Vintage book of contemporary American poetry**. New York: Vintage Books, 1990.

MILLET, K. **Sexual politics**. New York: Doubleday & Company, Inc., 1970.

MINOGUE, S. (ed.). **Problems for feminist criticism**. London: Routledge, 1990.

MOI, T. **Sexual/textual politics: feminist literary theory**. London and New York: Routledge, 1985.

MOORE, G. (ed.). **The Penguin book of American verse**. London: Penguin Books, 1983.

OLIVEIRA, R. D. de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RAMALHO, C. (org.). **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RICH, A. **Diving into the wreck**. New York: W. W. Norton & Company, 2013.

RUTHVEN, K. K. **Feminist literary studies: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SHOWALTER, E. **Speaking of gender**. New York & London: Routledge, 1989.

_____. **The new feminist criticism: essays on women, literature and theory**. New York: Pantheon Books, 1985.

WOOLF, V. **Um quarto que seja seu**. Trad.: Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Veja, 1978.

XAVIER, E. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. **Mulheres e literatura**, ano 3, v. 1, 1999. Disponível em: http://www.litcult.net/revistamulheres_vol3.php?id=225. Acesso em: 16 fev. 2015.

Anexo

Poema: *Song* (RICH, 2013, p. 26)

You're wondering if I'm lonely:

OK then, yes, I'm lonely

as a plane rides lonely and level

on its radio beam, aiming

across the Rockies

for the blue-strung aisles

of an airfield on the ocean.

You want to ask, am I lonely?
Well, of course, lonely
as a woman driving across country
day after day, leaving behind
mile after mile
little towns she might have stopped
and lived and died in, lonely

If I'm lonely
it must be the loneliness
of waking first, of breathing
dawn's first cold breath on the city
of being the one awake
in a house wrapped in sleep

If I'm lonely
it's with the rowboat ice-fast on the shore
in the last red light of the year
that knows what it is, that knows it's neither
ice nor mud nor winter light
but wood, with a gift for burning.

Recebido em 27 de fevereiro de 2015
Aprovado em 12 de junho de 2015